



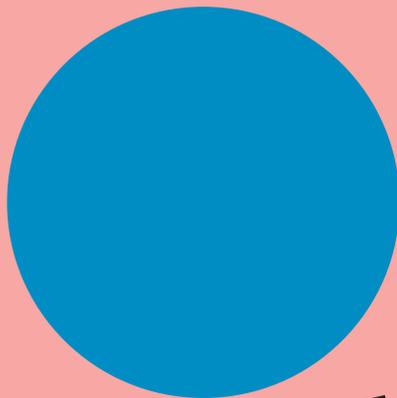
Carlos Tê



A Invenção do Canto



e Outros Versos



É tão velha a canção como a polêmica: são letras ou são poemas? A Imprensa Nacional, percebendo a importância em relevar o trabalho dos escritores para canções — que depois as interpretam ou não —, cria esta série da coleção Plural, a Letra Poema, porque acha que, sendo uma coisa ou sendo outra, sempre foram ambas. A letra é um poema e um poema é uma letra. E o que aqui se tenta é a reparação dessa falha, dando o destaque merecido a quem nos põe a cantar as suas palavras.

Índice

Nota prefacial do autor	15
A rapariguinha do shopping	17
Bairro do oriente	19
Afurada	21
Chico fininho	22
Sei de uma camponesa	24
Saiu para a rua	25
Guida peituda	26
Balada da fiandeira	27
Bocejo	29
A gente não lê	31
O meliante	33
Máquina zero	34
A ilha	36
Em busca dum visual	38
Slow da falta de quórum	40
Guardador de margens	42
Lua de março	44
Porto Covo	46
Cavaleiro andante	48
Valsinha das medalhas	50
A origem do mal	52
Porto sentido	53
Champanhe	55
Fado do ladrão enamorado	57
Irmãos de sangue	58
O prometido é devido	60
Não há estrelas no céu	62
Conceição	64
O mago do bilhar	65
Tuna recreativa	67
A paixão segundo Nicolau da Viola	69

Embalagem de damas	71
Faena de mar	73
Praia das lágrimas	75
Mulher de armas	76
Trovas vicentinas	78
País do gelo	80
Nativa	82
À sombra da tamareira	84
Logo que passe a monção	87
Brisas do Restelo	89
Penélope (o engenho da costela)	91
Só um fado	94
Lado lunar	96
Do meu vagar	98
Mr. Dow Jones	100
Já não há canções de amor	102
Benvinda sejas, Maria	104
Cipreste	105
Melgas e mosquitos	107
Malmequer	109
Fado pessoano	111
Concurso do método	113
Novas babilónias	115
Mágoa das pedras	117
Terra de ninguém	120
A grande pirâmide	122
O hábito do monge	124
GTI (gente, tall, intelligent)	126
Código de barras	127
Problema de expressão	129
Abas do vento	131
Sem freio	133
Caubói solidário	135
Eles compram tudo	137
O meu guru	139
Jura	141
Inimiga de classe	142
As regras da sensatez	144

Presépio de lata	146
Corações periféricos	148
Corde bamba	150
Fahrenheit	152
Lado esquerdo	154
O sorriso de Gioconda	155
Depois do amor	157
Sangue frio	158
Não me mintas	160
A seita tem um radar	162
O cheiro dos livros	164
O nó da gravata	166
Primeiro beijo	168
A explicação das estrelas	170
Pequena dor	172
Os velhos do jardim	174
Competência para amar	176
O fio de Ariane	178
Madalena em contrição	179
Topo de gama	181
Canção de cabeceira	183
Valsa dum homem carente	185
Demónios interiores	186
América, américa	188
Não invoquem o amor em vão	189
Amiga é um termo dúbio	191
Canção de alterne	193
A veia do poeta	195
Canção de Nova Iorque	197
Recado a Rosana Arquete	198
Brilho dental	200
Top dos tops	202
A invenção do canto	204
Querida Jezebel	206
Não queiras saber de mim	208
Três minutos de atenção	210
Espaço reservado	211
Adeus amor (Bye Bye)	213

Amuo	215
Sexto andar	217
A utilidade do humor	218
A loja do mestre Hermeto	220
Uma alma caridosa	222
Kyrie Eleison	224
Credo	226
Lázaro errante	227
Quase um quasar	229
O meu amor foi para o Brasil	230
O homem novo	232
Pensamentos mágicos	234
A panela do ciúme	236
Má memória para canções	238
Xerazade	240

Nota prefacial do autor

À velha questão que atravessa a música popular — o que é mais importante na canção? A música ou a letra? —, eu diria o canto. Até que a voz a enfunde, a canção é um edifício à espera de acontecer. Pode-se ter a combinação perfeita de harmonia, melodia, letra, arranjo, mas a peça só levanta com a voz certa. A troca é benéfica para todos, porque, quanto mais a canção sobe, mais a voz sobe com ela. Algumas vozes são parceiras indeléveis da canção. João Gilberto apropriou-se do Desafinado ao ponto de quase lhe pertencer mais do que a António Carlos Jobim e Newton Mendonça, os autores. A delicadeza do canto, como que tentando passar despercebido no processo, fundiu-o para sempre nesse pequeno manifesto irónico, que é Desafinado. Não há muita diferença entre o ator que representa um papel e o cantor que canta uma canção. O texto cumpre-se ao ascender à fala, tal como a canção se cumpre ao ascender ao canto, é o esplendor da oralidade. A melhor arte performativa evita o virtuosismo exibicionista, o *overacting*, o *oversinging*, porque sabe quando sumir-se para reaparecer com as rédeas. A voz é a flecha da canção, é ela que pica o ouvinte antes da canção dizer ao que vem, é Orfeu acalmando os elementos, os animais, encantando homens, mulheres, deuses, suspendendo o mal e

o bem. Para lá do timbre de cada voz, o canto é uma fórmula de enleios, silêncios, arroubos a que chamam expressão. É essa chancela pessoal que permitiria a Billie Holiday, Aretha Franklin, Amy Winehouse cantar a lista de compras do supermercado, à falta de melhor. Se houver texto com um pouco de matéria poética, então os astros alinham-se. Portanto, a quem garante ser a melodia o mais importante na canção, eu diria que não vai longe sem a voz e sem a letra. E, no fim, peneirada a canção, é a música da palavra, o verso, que se atreve a pousar na página, mesmo coxeando. Já a melodia, sozinha numa pauta, diz pouco.

A rapariguinha do shopping

A rapariguinha do shopping
bem vestida e petulante
desce pela escada rolante
com uma revista de bordados
com um olhar rutilante
e os sovacos perfumados

Quando está ao balcão
é muito distante e reservada
nos lábios um bom batom
sempre muito bem penteada
cheia de rimel e crayon
e nas unhas um bom verniz
vai abanando a anca distraída
ao ritmo disco dos Bee Gees

Should be dancing, should be dancing

A rapariguinha do shopping
no banco do autocarro
faz absorta a sua malha
torce o nariz delicado
do suor da população
e manifesta o seu enfado
por não haver primeira classe

Já não conhece ninguém
do lugar onde cresceu
agora só anda com gente bem
e vai ao sábado à noite à boíte
espampanante e a mascar chiclete
no vigor da juventude
como uma estrela decadente
dos bastidores de Hollywood

Rui Veloso, *Ar de Rock*, 1980

Chico fininho

Gingando pela rua
ao som do Lou Reed
sempre na sua
sempre cheio de speed
segue o seu caminho
com merda na algibeira
o Chico Fininho
o freak da cantareira

Chico Fininho, Uh Uh

Aos SSS pela rua acima
depois de mais um shot nas retretes
curtindo uma trip de heroína
sapato bicudo e joanetes
a noite vem já e mal atina
ele é o maior da cantareira
patchuli, borbulhas e brilhantina
cólica, escorbuto e caganeira

Chico Fininho, Uh Uh
sempre a domar a cena
fareja a judite em cada esquina
a vida só tem um problema
o ácido com muita estricnina
da Cantareira à baixa
da baixa à Cantareira

conhece os flipados
todos de ginjeira

Chico Fininho, Uh Uh

Rui Veloso, *Ar de Rock*, 1980

Lua de março

Quando vem a primavera e a flor se anuncia
e ao fim de cada jorna melhor se conhece o dia
quando a noite fica morna e o luar nos desafia
a gente dá em cantar ao ver o verde aparecer
as vozes vão à semente para ela se comover
o nosso canto ressoa e ajuda o milho a crescer

Há quem diga que é verdade
que a terra tem prazer e deita frutos de vaidade
tem manias de mulher
que se lhe cantam o amor tem-se tudo quanto quer

Lua do final de março
primeiro baile ao relento
velhas danças de acalmar a fúria da trovoada
para que setembro traga uma boa desfolhada

Se vier a tromba de água
a seca e a geada negra
se nada nos restar da terra tão fustigada
se até a mágoa se for na leva da enxurrada

Só nos resta, só nos resta cantar
quando toda fé nos falha
pois lá na capital ninguém liga a quem trabalha
se tivermos ano mau,
não há santo que nos valha
só nos resta cantar

Trovante, *Cais das Colinas*, 1983